



Reflexões sobre o espaço na literatura infantil: heterotopia em *O livro negro das cores*¹

Tássia RUIZ²

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

Em uma tentativa de relacionar à questão da espacialidade nos estudos literários, este artigo usa o conceito de heterotopia de Michel Foucault para explorar o espaço no livro infantil: *O livro negro das cores*. Este estudo pretende mostrar como o espaço do livro confronta a supremacia visual de uma época em que a visualidade se faz hegemônica, enquanto espaço de desvio que explora a questão da deficiência visual e se posiciona de modo distinto em relação ao mercado editorial infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Heterotopia; Espaço; Literatura; *O livro negro das cores*.

INTRODUÇÃO

É instigante pensar que, Christian Norberg-Schulz, em *O fenômeno do lugar*³, encontra na linguagem poética um meio para o impasse que a definição de lugar passa frente aos conceitos ditos analíticos, “científicos”. Nas palavras do autor, “a poesia é capaz de concretizar as totalidades que escapam à ciência e, por isso, é capaz de sugerir como se deveria proceder para obter a necessária compreensão”⁴. Isso porque, em busca de objetividade e conhecimento neutro, o estudo analítico abstrairia a complexa totalidade qualitativa que se apresenta em um lugar; assim, somente a literatura, por concretizar imagens que auxiliam nos estudos sobre o *lugar*⁵, poderia diminuir a distância que existe entre a sutileza da vida e a ciência.

O poema *Uma noite de inverno*, de Georg Trakl, previamente analisado por Heidegger e utilizado por Christian Norberg-Schulz como forma de iluminar “alguns fenômenos

¹ Trabalho apresentado no DT07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Mestranda em Comunicação-UEL, email: ruiz.tassia@gmail.com.

³ O contato com o teórico que é ponto inicial para as reflexões aqui abordadas foi tido em uma das disciplinas do mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, mais especificamente em Comunicação e Antropologia Visual.

⁴ NORBERG-SCHULZ, 2006, p.115.

⁵ Em sua concepção, como o habitar deve ser visto para além de um todo constituído de coisas materiais, muito mais do que paredes e chão, o ato de demarcar ou diferenciar um lugar no espaço evoca também uma manifestação simbólica, uma qualidade poética que é essencial ao habitar. O ambiente deve ser compreendido também como um lugar menos tangível, de caráter peculiar, cuja identidade particular está vinculada as diferentes tradições culturais e as diferentes condições ambientais, sugerindo que o ambiente é vivenciado como portador de significado.



essenciais do nosso mundo-da-vida e, em particular, as propriedades fundamentais do lugar”⁶, levam a questionar o lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários. Assim sendo, a intenção não é falar desse *habitar poeticamente* ao qual se refere o autor em suas reflexões sobre o *lugar*- ambiente simbólico que permita que o habitar tenha sentido, a concretização de um sentimento de pertencimento. Ao contrário, como dito anteriormente, a obra instiga o presente trabalho a explorar o espaço literário por outras vias.

O objetivo deste artigo é então explorar o conceito de *heterotopia* de Michel Foucault, numa tentativa de refletir sobre o espaço literário como lugar de resistência, cuja linguagem transgressiva ao colocar em questão os códigos automatizados, pode fornecer novas possibilidades para uma sociedade que vive cada vez mais em um cenário de exacerbada visualidade.

O livro negro das cores, objeto deste estudo, é um livro literário infantil que será aqui considerado como espaço que funciona como uma heterotopia; uma obra que, como poucas, explora a questão da deficiência visual e se posiciona de modo distinto em relação a uma *sociedade da sensação* e a um mercado editorial que traz os traços dessa absorção do capitalismo na esfera cultural.

Para as considerações, serão utilizadas como principais referências a obra de Roland Barthes *Aula*, na qual o autor discute a questão da literatura como linguagem que trapaceia o fascismo da língua e o texto *Outros espaços* de Michel Foucault, o qual trata sobre a ideia de heterotopia enquanto espaço de desvio e que organiza o espaço social de um modo diferente daqueles que estão ao seu redor; ou seja, dos espaços outros.

O USO COSTUMEIRO DA LINGUAGEM E A LITERATURA

Em seu artigo *Literatura e a experiência do escrever*, Leonardo Almeida, que também analisa o caráter transgressivo da literatura a partir das reflexões de Roland Barthes, relata que a linguagem seria de certa forma imanente à própria condição humana, nas palavras dele: “ela é como o mar em que, como peixes, estamos mergulhados completamente”⁷. No entanto, continua, apesar de tal imersão, acreditar que a linguagem é a verdade; crer nela é apenas uma ilusão, isto porque, ao referenciar as coisas os signos não são mais do que metáforas que não podem ser aquilo que de fato representam.

De fato, a língua tem o poder de evocar coisas ausentes, de aproximar o homem da abstração, mas não tem autonomia para *ser* aquilo que representa. Já dizia Barthes:

O real não é representável, [...]. Que o real não seja representável — mas somente demonstrável — pode ser dito de vários modos: quer o definamos, com Lacan, como o *impossível*, o que não pode ser atingido e escapa ao discurso, quer se verifique, em termos topológicos, que não se pode fazer

⁶ NORBERG-SCHULZ, 2006, p.447.

⁷ ALMEIDA, 2009, p.89.



coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a linguagem).⁸

O que não pode ser esquecido é que ao mesmo tempo em que a linguagem “liberta” o homem, também se interpõe entre ele e a natureza, afastando-o da realidade física. Se a linguagem é tomada como verdade, sem indagações ao signo, essa ponte torna-se opaca e o valor de troca da metáfora acaba sendo enfraquecido, visto que, são recursos com fundamento na ideia de duplicidade de referências.

Nesse sentido, a linguagem perde sua força sensível. Conforme Almeida: “neste modo de ser da linguagem, tomamo-la com um utensilio ou um instrumento para um fim estabelecido”⁹. Logo, tomada pelo utilitarismo, a linguagem mostra-se endurecida pelo automatismo e pelo uso corriqueiro, assumindo um posicionamento *estereotipado*, previsível e imediato, que pouca resistência fornece diante da necessidade de estabelecer a comunicação de modo claro e objetivo que, de modo geral, configuram as situações e seus usos na vida cotidiana.

No entendimento de Roland Barthes, “não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva [...]”¹⁰. A partir de tal citação, é possível verificar que o autor vê na língua um objeto de alienação, que submete e no qual se está submetido, pois os signos só existem se forem reconhecidos. Assim sendo, não há como falar sem arrastar na língua o estereótipo. Explica Barthes:

[...], os signos só existem na medida em que são reconhecidos, isto é, na medida em que se repetem; o signo é seguidor, gregário; em cada signo dorme este monstro: um estereótipo: nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se arrasta na língua. Assim que enuncio, essas duas rubricas se juntam em mim, sou ao mesmo tempo mestre e escravo: não me contento com repetir o que foi dito, com alojar-me confortavelmente na servidão dos signos: digo, afirmo, assento o que repito.¹¹

A naturalização das ideias torna a linguagem óbvia e redundante, o que facilita o controle do seu uso, “como se vê o estereótipo aponta para uma contenção do fluxo criativo na língua, já que ele é uma cristalização dos possíveis modos de ser da linguagem, [...]”¹². Uma linguagem permeada de hábitos que, pela necessidade, dificulta o frescor na utilização cotidiana da língua.

A linguagem do dia-a-dia tem, como se sabe, referência direta com aquilo que designa: a realidade dada como nossa. Seu objetivo não é senão o de remeter a um objeto que se encontra no mundo. Em sua versão corriqueira, a linguagem não passa de instrumento, encontra-se subordinada a fins práticos da ação, da comunicação e da compreensão. Ou seja, subordinada ao mundo.¹³

⁸ BARTHES, 2010, p.22.

⁹ ALMEIDA, op. cit., p.90.

¹⁰ BARTHES, 2010, p.12

¹¹ Ibid., p.15.

¹² ALMEIDA, 2009, p.91.

¹³ LEVY, 2011, p.13.



Entretanto, para Barthes, como a língua se mostra fascista no sentido de obrigar a dizer, a única forma de se libertar deste sistema fechado seria trapaceá-lo. Trapacear a língua. “Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*.”¹⁴.

Entendo por *literatura* não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visto, portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro.¹⁵

Assim, a ideologia pouco pode dominar, pois a literatura é a utilização da linguagem não submetida ao poder, “a literatura produz um campo experiencial que nos transporta para mundos diferentes dos nossos do dia-a-dia, através de uma pluralidade de sensações”. E justamente por não necessitar de regras de estruturação para que seja compreendida, a linguagem não se torna um instrumento enrijecido pelos seus fins utilitários e sim, um mundo destinado a seguir na contramão, resistindo e se contrapondo ao poder.

Conforme explica Almeida:

A literatura não serve para nada e a nada. Ela está do lado da inutilidade. Mas esta seria uma inutilidade curiosa, pois a literatura não é feita para defender ideias, produzir trabalhos, convocar o povo à luta. Ela, como indica Foucault (1966), em *Pensée du dehors*, não serve para representar, significar atos vividos. Ela não dita regras, o que ela faz é, justamente, elaborar uma experiência intensa, promovendo transformações, nos âmbitos subjetivo e de sentido. A isso, poderíamos acrescentar que, nela, o sentir e o sentido se misturam, se colam, ressoam, no turbilhão da experiência.¹⁶

Em seu livro *A linguagem literária*, Domício Proença Filho¹⁷, reafirma tal diferença entre o discurso literário, expondo a linguagem não literária como manifestação de uso corrente da linguagem no cotidiano, de comunicação direta, imediata e sincrônica – vinculada ao tempo histórico. Em outros termos, a comunicação parte de uma seleção de palavras de um sistema linguístico específico, de maneira que suas possíveis interpretações possam tender a traços semânticos mais constantes e estáveis, isto é, para que a significação de cunho marcadamente utilitário vise à transparência. Ao contrário da utilização especial da língua, no qual a significação passa a existir em função do contexto em que a palavra é empregada; por sua subjetividade e arbitrariedade, não é mais possível efetuar uma análise fora do discurso. Nesse âmbito, o texto almeja a opacidade, cria significantes e funda significados justamente para que a linguagem possibilite um alto índice de multissignificação e uma participação mais ativa do sujeito

¹⁴ BARTHES, op. cit., p.16.

¹⁵ BARTHES, 2010, p.16.

¹⁶ ALMEIDA, 2009, p.94.

¹⁷ PROENÇA FILHO, 2007.



leitor, que deve tentar compreender nas indicações contidas na linguagem, a finalidade que se quer atingir por meio dessa incorporação de elementos que são desviantes em relação ao uso linguístico comum.

O uso especial da linguagem autoriza a transgressão de suas regras, “a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso”¹⁸. Senso assim, se a literatura não é, precisa ser um espaço de peregrinação, do deslocamento do sujeito em busca de uma verdade, para que dentro da “hegemonia” ele possa perceber as “brechas” que possibilitam produzir algo novo.

Viajar é uma necessidade para a linguagem literária, pois “para cada lugar há um agenciamento possível, uma nova jornada e um novo mapa.”¹⁹.

É certo, pois, que a literatura fala de realidade, mas não de uma realidade familiar, dada pelo mundo cotidiano. O realismo da ficção joga o leitor num mundo de estranhamento, onde não é mais possível se reconhecer. A ficção aparece como o inabitual, o insólito, o que não tem relação com este mundo nem com este tempo – o outro de todos os mundos, que é sempre distinto do mundo. Mas ao mesmo tempo em que nos retira do mundo, nele nos coloca novamente. E nós o vemos então como outro olhar, pois a realidade criada na obra abre no mundo um horizonte mais vasto, ampliado. [...] ²⁰.

Por fim, como descreve Tatiana Salem Levy na citação acima, a linguagem tem o poder de criar, de ser fundadora de sua própria realidade. “A literatura não é uma explicação do mundo, mas a possibilidade de vivenciar o outro do mundo.”²¹. Mundo este desconhecido, opaco e ambíguo, que em vez de representar o mundo apresenta o outro de todos os mundos, colocando o leitor em contato com um mundo imaginário mas, cuja experiência é profundamente real.²²

HETEROTOPIA EM *O LIVRO NEGRO DAS CORES*

Assim como, a linguagem possui um modo usual (majoritário) que “estaria do lado do padrão, da homogeneidade, da ordem, da constância, do poder, enquanto o outro lado, o minoritário, seria uma via criativa que se posiciona frente ao outro uso da linguagem como uma resistência aos mecanismos de captura e controle”²³, o espaço social, na visão de Foucault, também teria a presença de lugares relacionados à diferença, à inversão do discurso em relação aos demais lugares.

Neste momento, a partir das questões levantadas anteriormente sobre a literatura enquanto linguagem que tenta resistir aos padrões, a tentativa será a de estabelecer conexões entre o conceito de heterotopia de Michel Foucault e a obra literária *O livro negro das cores*.

O termo heterotopia, proferido em 1967 em uma palestra dada pelo autor e publicado somente em 1984 em um periódico francês com o título: *Des espaces autres*, apresenta

¹⁸ BARTHES, 2010, p.18.

¹⁹ OLIVEIRA, 2011.

²⁰ LEVY, 2011, p.17.

²¹ Ibid., p.19.

²² LEVY, 2011.

²³ ALMEIDA, 2009, p.91.



a visão de Foucault diante de um novo modo de orientação espacial que deixa a hierarquização do espaço e suas dicotomias – sagrado e profano- da Idade Média, para uma nova dinâmica da organização social. Nas palavras do autor:

A nossa época talvez seja, acima de tudo, a época do espaço. Nós vivemos na época da simultaneidade: nós vivemos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado-a-lado e do disperso. Julgo que ocupamos um tempo no qual a nossa experiência do mundo se assemelha mais a uma rede que vai ligando pontos e se intersecta com a sua própria meada do que propriamente a uma vivência que se vai enriquecendo com o tempo.²⁴.

Apesar do dinamismo do espaço contemporâneo, não há um fim total para as polarizações do espaço, segundo Foucault, o espaço ainda é heterogêneo, pois são comuns a todas as sociedades, porém em formas muito variadas e podendo assumir funções distintas ao longo do tempo “à medida que a sua história se desenvolve”²⁵. São muitos os lugares identificados por Foucault, são exemplos: a prisão, um lugar de desvio cujo comportamento dos indivíduos é conflitante em relação à norma; a biblioteca e o museu como um lugar que acumula o tempo, épocas, formas e gostos em um só lugar e; outros espaços como a igreja, o cemitério, o jardim e a feira.

Interessa ao autor discutir nas relações entre os lugares, um tipo de vínculo que “neutraliza, secunda, ou inverte a rede de relações por si designadas, espelhadas e refletidas”²⁶, ou seja, heterotopia; espaço social de contradição, lugares reais que estão fora de todos os outros lugares, organizados de um modo diferente daqueles que estão ao seu redor. De conduta não aceita pela sociedade, espaços de conflitos e tensões de uma determinada sociedade.

Há também, provavelmente em todas as culturas, em todas as civilizações, espaços reais – espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade - que são algo como contra-sítios, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Este tipo de lugares está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade. Devido a estes lugares serem totalmente diferentes de quaisquer outros sítios, que eles refletem e discutem, chamá-los-ei, por contraste às utopias, heterotopias.²⁷

No trecho acima, é possível perceber uma segunda intenção do autor em seu texto, a de estabelecer contrastes entre os lugares “reais” e “irreais”, apontando que a noção de heterotopia mantém conexão com a ideia de utopia, outro conceito discutido por Foucault.

A grande distinção entre utopia e heterotopia reside no fato de não haver lugar para as utopias, pois representam ideais de uma sociedade. Um espaço que existe somente na imaginação, assim como uma sociedade aperfeiçoada, estável e ordenada; espaços fundamentalmente irreais.

²⁴ FOUCAULT, 2001, p 9.

²⁵ FOUCAULT, 2001, p.4.

²⁶ Ibid., p.3.

²⁷ Ibid., p.3.



Em *A palavra e as coisas*, Foucault afirma que as utopias consolam, pois desabrocham, num espaço liso e maravilhoso, no entanto, as heterotopias inquietam, porque:

[...] solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói as frases — aquela, menos manifesta, que autoriza “manter juntos” (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. Eis por que as utopias permitem as fábulas e os discursos: situam-se na linha reta da linguagem, na dimensão fundamental da fábula; as heterotopias [...] dessecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz, toda possibilidade de gramática; desfazem os mitos e imprimem esterilidade ao lirismo das frases.²⁸

Para ilustrar ambos os espaços, o autor utiliza a metáfora do espelho, demonstrando que entre as utopias e heterotopia existe um interstício, uma “espécie de experiência de união ou mistura análoga à do espelho”²⁹. Conforme explica, a imagem que se forma no espelho não ocupa lugar algum, é virtual, irreal; *que está aberto do lado de lá da superfície*. Mas, também há no espelho, o local onde esse está de fato, pois existe na realidade e na possibilita a percepção de uma ausência. Por isso, exerce um tipo de contra-ação a utopia do espelho. Segundo Foucault:

A partir desse olhar dirigido a mim próprio, da base desse espaço virtual que se encontra do outro lado do espelho, eu volto a mim mesmo: dirijo o olhar a mim mesmo e começo a reconstituir-me a mim próprio ali onde estou. O espelho funciona como uma heterotopia neste momentum: transforma este lugar, o que ocupo no momento em que me vejo no espelho, num espaço a um só tempo absolutamente real, associado a todo o espaço que o circunda, e absolutamente irreal, uma vez que para nos apercebermos desse espaço real, tem de se atravessar esse ponto virtual que está do lado de lá.³⁰

A obra literária *O livro negro das cores*, publicado em 2006 pelas autoras venezuelanas Menena Cottin e Rosana Faria, será tomado como exemplo de um espaço que funciona como heterotopia, como um modo diferente de discurso, primeiramente por sua estrutura, com suas páginas negras, que utilizam o código braille e verbal de modo simétrico e com imagens (impressas em verniz) que deixam o tradicional colorido das ilustrações para serem principalmente sentidas pelo tato.

²⁸ FOUCAULT, 1999, p. XIII.

²⁹ Id., 2001, p.3.

³⁰ Ibid., p. 3-4.

Figura 1 – Capa O livro negro das cores³¹



Uma obra desviante principalmente diante desse momento histórico, que como as demais manifestações artísticas, a literatura não deixa de refletir. Assim sendo, como as heterotopia também só funcionam e fazem sentido em relação a outras formas de espaço, é necessário desviar a análise para uma melhor compreensão da sociedade contemporânea.

Acredita-se que hoje se vivencia uma cultura-mundo, das indústrias culturais, do consumo total. Cultura que reconfigura o mundo, transforma radicalmente o lugar e acaba por infiltrar-se também no universo literário. “Nos tempos hipermodernos, a cultura tornou-se um mundo cuja circunferência está em toda parte e o centro em parte alguma.”³².

Essa nova forma de estar no mundo, marcado pela expansão da comunicação, da informação e da midiaticização, um modo de desenvolvimento que tornou possível um consumo abundante de imagens que coloca a visibilidade em fluxo constante, numa espécie de comercialização planetária que visa uma sociedade universal de consumidores. Uma sociedade que para viver em um estado de inquietude, uma incessável busca por alívio em coisas que fascinam, encantam ou que servem para tal, mesmo que seja por um momento curto de tempo. A *sociedade da sensação*, como chama Türcker, está em constante busca de sensações, de estímulos; muitas vezes encontrado na imagem visual, um meio para o qual se pode deslocar sua atenção.

Uma constante busca por sensação que não satisfaz, mas satura o olhar. Baitello³³ explica que a visão, enquanto sentido que não requer a presença de seu emissor e de seu receptor em um mesmo espaço e tempo, como requer o tato, por exemplo, e por isso, gera uma necessidade de visão que só pode se satisfazer com mais imagens. De um lado, imagens que se reproduzem e aguardam para serem animadas pelo olhar; e do outro, homens que animam as mídias “com o objetivo de experimentar imagens vivas”³⁴.

Antes de apontar possibilidades outras ou caminhos diferenciados para esse paradoxo da sociedade, cabe ressaltar que o funcionamento do livro que aqui representa um lugar de

³¹ COTTIN; FARÍA, 2010.

³² LIPOVETY, 2011, p.8.

³³ BAITELLO, 2005.

³⁴ BELTING, 2006, p.40.

heterotopia, está vinculado a um modo de ver do sujeito leitor. Como descreve Foucault, a heterotopia não é um lugar fechado, mas precisa que o indivíduo assuma certa postura ou que obtenha permissão para entrar em seu local. Assim sendo, tomar como verdade que o livro *O livro negro das cores* será sempre um espaço na contramão, simplesmente por sua linguagem destoar de um estereótipo, seria um erro e uma simplificação do que seria a Literatura.

A “literatura” ou o que se nomeia como tal, pode assumir direções opostas a de um espaço de heterotopia. Vinculada ao momento histórico e dependente de um modo de ver do leitor, não deve ser excluída a possibilidade do espaço da obra em questão ser focalizado como uma bela “recordação”. Uma experiência exótica fornecida a partir de um objeto estético diferenciado, que pode divertir, entreter e até impressionar, mas que não será capaz de romper a superfície do automatismo, logo, mais um livro na estante.

Sobre o assunto, Almeida expõe:

No entanto, este potencial transgressivo da literatura – observa Foucault, em “A Loucura e a Sociedade” (1999c) – tem sido progressivamente solapado pela força intrínseca de adaptação e absorção do capitalismo. Em outra ocasião, apontamos (2002) que este processo é uma espécie de pasteurização da transgressão. O impacto transgressivo da literatura – característico da época em que ela emergiu – tem sido absorvido por mecanismos que visam transformar a experiência total da literatura em moedas de troca no mundo da utilidade, ou seja, transformá-la em uma obra de linguagem ou uma informação.³⁵

Retomando o ponto de vista da literatura como linguagem “minoritária”, é possível apontar que *O livro negro das cores* faz parte de uma pequena porcentagem de livros que foram desenvolvidos levando em consideração as necessidades de leitores com deficiência visual, nesse sentido, um lugar de organização alternada, estruturado para divergir de outros livros infantis que exploram o recurso da imagem principalmente como recurso visual. Um livro que aponta para a existência de novas perspectivas dentro de uma cultura que automatiza a visualidade.

Acredita-se que o livro é exemplo, pois é um complexo trabalho de produção gráfica que busca fugir do tradicional. Talvez, não possa ser qualificado como obra inovadora, mas busca despertar a imaginação do leitor não apenas pela visualidade da obra, mas também pela experiência tocada, sentida; pois a intenção é abusar de uma diversidade de estímulos, a fim de proporcionar uma experiência literária com possibilidades de leituras polissêmicas. No entanto, não deixa de ser uma obra mercadológica, um produto criado para ser consumido e que reflete os ideais estéticos contemporâneos.

A proposta que o livro traz é a de minimizar a supremacia visual e tematizar de modo inovador a deficiência visual, guiando o leitor (com ou sem deficiência visual) por uma experimentação multissensorial da sensação cromática, desafiando-o a pensar no cheiro, no som ou no sabor que cada cor pode ter.

Devido à ênfase na mensagem e a estruturação do texto sinestésico e metafórico, cada uma das páginas possibilitam evocar sensações por meio de palavras e conferem ao

³⁵ ALMEIDA, 2009, p. 97.

texto-literário potência de tradução, para que o leitor vidente ou não redescubra e (re)crie, de forma imaginativa, o mundo sinestésico, no qual a visualidade não é imperativa.

Figura 2 – Páginas do livro *O livro negro das cores*³⁶



Um livro que de certo modo busca se afastar da predominância da visualidade sem, no entanto, romper com tal realidade. Um espaço de reflexão e estranhamento, que só precisa de um olhar mais lento, nostálgico e de contemplação, para uma maior possibilidade de atingir algo novo. De perceber o mundo pelas nuances e especificidades do tato, sensações e percepções das quais muitas vezes obscurecidas pela hegemonia da visão.

Uma jornada proposta, que apresenta-se justamente a partir de metáforas, para mostrar a capacidade da linguagem em impregnar a cor com informações. Assim, o texto literário é desviante, pois retira a cor “informação visual” de seu contexto, de sua definição convencional, para que o leitor seja guiado por um universo paralelo ou novo- já que a cor é um estímulo específico dos órgãos visuais-, um mundo colorido estruturado na compensação sensorial tátil, gustativa e olfativa diante da deficiência visual, no qual não há razão para que a cor possua um significado definível, uma monossignificação.

É importante observar também, que a narração não é mero caminho para a descrição de um cenário em que o significado das cores está vinculado a uma apreensão cognitiva singular em relação ao mundo, ainda pouco conhecida e que ainda carece de pesquisa. A abordagem favorece as assimilações que devem ser feitas para que se compreenda o contexto e para que se atinja a desautomatização em relação ao mundo.

A cor como informação visual, não é senão um conceito apreendido pelas crianças cegas congênitas ou um adjetivo rotineiro para as crianças videntes, mas que, ao partilhar tal realidade vinculando ambas as formas de apreensão do mundo, o livro traz a possibilidade de integração dos mais diversos leitores dentro de seu espaço, de aproximação de vivências e realidades que muitas vezes caminham em paralelo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo surgiu de discussões levantadas na disciplina de Antropologia do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. O contato com textos que

³⁶ COTTIN; FARÍA, 2010.



discutem a fenomenologia do lugar levaram a questionar sobre o estudo do espaço na literatura.

A intenção foi estabelecer conexões entre a ideia de heterotopia de Michel Foucault com a obra literária *O livro negro das cores*. Para tal, traçou-se um percurso que coloca a linguagem literária como um campo de experiências, um lugar para trapacear a língua usual e promover a fuga de padrões tradicionais que propagam estereótipos e limitam o poder transgressivo a partir da linguagem.

A obra analisada demonstra o espaço de heterotopia, a partir do momento em que o sujeito observa a proposta diferenciada de perceber o mundo que traz. O livro, como lugar que se distingue da grande maioria dos livros ilustrados infantis, utiliza a imagem para além de em estímulo destinado a visão.

Ao explorar o tato e a temática da cor por uma perspectiva minoritária da linguagem, o significado segue em contramão, possibilita a criação e visualização de um mundo cujo horizonte é mais vasto do que se pode imaginar.

Em resumo, a literatura como um espaço outro deve resistir à sociedade da sensação, a adaptação e absorção do capitalismo, deve sempre buscar incomodar, desequilibrar o campo dos saberes e ser um espaço de transgressão de regras, no qual haja a possibilidade de deslocamento, de forçar o pensar, sugerindo sempre uma jornada que leve a respirar algo novo, experimentar culturas, contextos e relações diferentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. P. de. Literatura e a experiência do escrever: algumas reflexões sobre a resistência no seio da linguagem. *Revista Filos.* V.21, n.28, p. 87-106, jan./jun. 2009.

BAITELLO Jr., N. **A era da iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker, 2005.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2010.

BELTING, H. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à iconologia. **Revista Ghrebh**, n. 8, p. 32-60, jul. 2006.

COTTIN, M.; FARÍA, R. *O livro negro das cores*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: *Ditos & Escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 411-422.

_____. *A palavra e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*; tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora* [recurso eletônico]: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. *A cultura-mundo: Resposta a uma sociedade desorientada*; tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O Fenômeno do Lugar. In: NESBITT, Kate (org). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura*. São Paulo: CosacNaify, 2006.

OLIVEIRA, L. C. C. *Deleuze e a literatura: o devir pelas linhas da escrita*. 2011. 81f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro



PROENÇA FILHO, D. *A linguagem literária*. São Paulo: Editora Ática, 2007.